



A IMPORTÂNCIA DA ETIQUETA

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”

Immanuel Kant

Ontem tive a oportunidade de estar num evento público, realizado numa mais principais instituições culturais deste país para ouvir diversos oradores opinarem sobre alguns assuntos importantes relacionados com a vida política, cultural e económica. Estiveram presentes duas personagens de topo da nossa sociedade, concretamente um dirigente político e um responsável religioso.

A apresentação dos oradores foi efectuada por um responsável cultural que iniciou a mesma, apresentando o político e depois o dirigente religioso. Não sei se outras pessoas terão dado importância ao facto que aqui quero analisar, mas tenho a certeza que algumas terão sentido incómodo em ver a falta de etiqueta de que aquele momento se revestiu. A que me refiro? Muito simples: a ordem da apresentação. Os mais desatentos pensarão que tudo estava normal mas para mim e para a minha mulher, que eu acompanhava, foi um momento de falta de chá, educação, etiqueta, ou o que lhe quiserem chamar. O normal seria apresentar em primeiro lugar o dirigente religioso e depois o político.

Podem comentar que terão sido as minhas convicções religiosas que me fizeram ficar incomodado. Posso garantir que não. Independentemente da representação religiosa em causa, qualquer que fosse, teria tido em mim o mesmo impacto. Porque é que o moderador optou por aquela ordem? Falta de compreensão da etiqueta? Não acredito que uma pessoa com o nível educacional em causa possa ignorar que o plano religioso, quer sejamos ateus ou não, deve ser encarado de uma forma primária face a um responsável por um poder “terreno”. Entendamos que um político representa um grupo enquanto um religioso representa pessoas de diversas tendências políticas, isto se quisermos ver só na perspectiva de separação do Estado da Igreja, o que aliás considero ser fundamental. Então o que se passou?

Na minha perspectiva há hoje uma saturação na nossa sociedade de propaganda anti-religiosa, mesmo encapotada, e uma vontade férrea de grupos minoritários em imporem a sua visão a uma população que maioritariamente, embora nem sempre da melhor maneira e com as convicções correctas, é aderente a convicções religiosas. Há um processo de manipulação e formatação cultural que pretende destruir centenas de anos de uma tradição pois sabem que é a melhor forma de poderem aplicar as suas estratégias políticas e engenharias sociais. Vivendo nós em sistema democrático, paradoxalmente são as minorias que impõem a sua vontade.

Claro que se quisermos observar esta situação de uma forma “inocente” podemos dizer que o que aconteceu é somente fruto de uma cada vez menor importância do entendimento da etiqueta.

Para mim é antes o reflexo de uma visão do que é o Ser Humano, e como ele é tratado nas discussões diárias sobre o que vivemos hoje. Foi flagrante que a apresentação das questões pelo dirigente religioso se centrou na importância a dar aos valores humanos e à necessidade de nos centrarmos numa análise



dos problemas na perspectiva do sofrimento humano, e do que no futuro certas políticas trazem, com a consequente desumanização e aprofundamento dos problemas, enquanto o político limitava-se a apresentar números, afirmações que não tinham o Ser Humano como o principal objecto de trabalho, mas a recuperação económica como se o homem devesse servir a economia e não a economia servir o homem, para além de continuar a abordar as questões como se a crise fosse uma questão numérica, não havendo a necessidade de arrear caminho de políticas que não resolverão os problemas actuais, mas muito pelo contrário, irão inevitavelmente levar a nossa sociedade a um aprofundamento do estado das coisas. Lembra-me a “evolução na continuidade” do Estado Novo salazarista que na realidade tem continuado desde 25 de Abril. O Ser Humano hoje é uma coisa para alguns ideólogos sociais.

A sobrevalorização da imagem do político como alguém que está num patamar superior, em detrimento da imagem do político como servidor público dá bem a ideia da mediocridade dos tempos e como há um papel importante de correcção na forma como hoje se vive, isto claro está, se quisermos sair do atoleiro em que estamos.

Comecemos pelo básico ... pela boa educação, pela etiqueta.

Muito boa noite e bom fim-de-semana.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 2014